



## EDUCAÇÃO FEMININA, HISTÓRIA E LITERATURA: UM PERCURSO PELAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA DÉCADA DE 30 DO SÉCULO XX.

Vinícius Oliveira Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho realiza uma análise das representações femininas na década de 30 do século XX. O período, marcado por mudanças dos padrões de comportamento de uma parcela das mulheres brasileiras, configura-se, também, por conflitos entre aquelas/es que aspiravam as transformações e as parcelas conservadoras da sociedade.. As últimas dispuseram de mecanismos que Pierre Bourdieu (2003) definiu como des-historização, utilizados a fim de conter o fluxo de transformações e legitimar o papel feminino limitado ao âmbito da vida privada. Ao conceber a obra literária na condição de fonte histórica, realiza-se uma análise do romance *O Quinze*. Ao examinar os elementos presentes na obra e o contexto histórico à época, torna-se possível reconstruir o que se designou como representações femininas.

**Palavras-chave:** Educação, literatura, papéis de gênero.

O presente trabalho se propõe a fazer uma pequena análise da representação feminina da década de 30 do século XX. O mesmo é uma derivação da pesquisa “Leitura para Meninas e Moças nas coleções da Livraria José Olympio Editora (1930-1950)”, desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa Infância, Juventude, Leitura e Escrita. A referida coleção tinha como público alvo meninas, jovens e mulheres das classes médias e altas da sociedade. Nesse sentido, torna-se importante ressaltar que as representações analisadas giram em torno das práticas sociais, conflitos e reivindicações dessa parcela da população.

Norteados pela concepção da obra literária enquanto fonte histórica realiza-se uma análise do livro *O Quinze*, primeiro romance de Rachel de Queiroz, lançado no ano de 1930, em Fortaleza. Dessa maneira, pretende-se obter mais um mecanismo para subsidiar o embasamento da proposta inicial. A escolha da obra deu-se pela importância da autora para o campo literário, expressividade que lhe rendeu uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, tornando-se a primeira mulher a ocupar tal espaço.

---

<sup>1</sup> Aluno de graduação do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da UERJ e bolsista de iniciação científica pelo CNPq. [viniciusoliveirapereira@yahoo.com.br](mailto:viniciusoliveirapereira@yahoo.com.br).

O Quinze narra a grande seca de 1915. Utilizando como plano de fundo o sertão nordestino, Rachel de Queiroz apresenta Conceição, a protagonista do romance: uma moça de 22 anos, normalista que dispunha de artifícios necessários para ser considerada uma aspirante intelectual. Além de Conceição, existem outros personagens que incrementam a história. Contudo, é interessante pensar na construção desta personagem, figura principal, que tem um perfil bastante singular em seu contexto: é uma leitora. E não uma simples leitora de folhetins e sonetos. A mesma possui em seu mobiliário, livros que abordam os mais diversos temas, muitos foram herdados do seu avô. Este, por sua vez, tem uma participação breve na história como doador da sua herança intelectual. Apesar de aparentar ser um homem de posses, percebe-se que o maior bem deixado à sua neta, consiste, justamente, no capital cultural:

A informação de que este avô pertencia à maçonaria torna verossímil sua familiaridade com livros, já que faz parte do código maçônico o pai ser de seu filho uma espécie de mestre intelectual e espiritual. O avô funciona como uma espécie de mentor intelectual de Conceição num meio pouco favorável a livros como o sertão nordestino, onde fica a velha fazenda onde viveu junto com sua esposa D. Inácia, marcado por prolongadas e seguidas secas (HELLER, 2006, p.41).

Assim como a personagem Conceição, a autora do romance, Rachel de Queiroz, dispõe de uma série de habilidades, é uma leitora exemplar, atuou como tradutora e tem reconhecida relevância no campo jornalístico. A autora iniciou sua carreira na área aos dezessete anos, como colaboradora no jornal O Ceará, periódico de circulação na sua cidade. Sua colaboração teve uma maior concentração na escrita de crônicas, aprimorada com sua chegada ao Rio de Janeiro, em 1939:

Rachel, através de suas crônicas, coloca em cena e, sobretudo, em questão um debate recorrente entre os teóricos da literatura que é o caráter literário ou não da crônica, um gênero por longo tempo considerado menos e distante do que se conhece como o cânone literário (...). As crônicas de Rachel de Queiroz denunciavam esse caráter de espaço experimental. Algumas são extraordinários perfis constituídos por desenhos precisos de tipos regionais capturados por suas lembranças do sertão ou de personagens eleitos pela cronista em episódios percebidos ao acaso. Outras crônicas são contos estruturalmente perfeitos. Outras, diálogos abertos com o leitor, cenas da vida carioca, reflexões sobre o amor, o tempo e a morte, paisagens, ou mesmo importantes documentos de história, ecologia, folclore. (HOLLANDA, 2004, p.8).

Nota-se, portanto, na obra literária, as marcas dos valores da sociedade em que vive a autora. Nesse sentido, buscam-se, através dos elementos presentes no romance,

subsídios que possam validar a pesquisa sobre as representações femininas, à época. Trata-se, como foi apontado, da utilização da literatura como fonte documental, rompendo com a perspectiva positivista do estudo historiográfico que se baseia, quase sempre, em documentos oficiais considerados fontes seguras de reconstituição do passado. A utilização desse novo mecanismo está presente no bojo do movimento de uma investigação a partir do prisma da história cultural<sup>2</sup>. Como afirma Gouvêa, o texto literário guarda sua originalidade, dentre outros elementos, no seu estatuto simbólico, que informa sua estrutura, bem como seus espaços de circulação (2007, p.23).

No entanto, ao assumir esta perspectiva, torna-se importante aludir que a análise do texto literário requer cautela no que tange aos limites de interpretação e impõe um desafio ao pesquisador de perceber a linha tênue entre a ficção e os elementos utilizados para reconstituição da realidade que deseja apreender. A reprodução desse cenário não significa ser, necessariamente, fiel e transparente, mas seu compromisso é com a verossimilhança, de forma a criar uma realidade que seja coerente com a do leitor.

O lançamento do livro *O Quinze* se deu em um período que se caracteriza por mudanças nos âmbitos político e cultural. Tais transformações eram percebidas nas páginas do romance e nas falas das/os personagens. Vicente, um dos personagens, ao perceber que Conceição chegou em casa sozinha diz:

- Foi por causa da doença que veio só?
- Só? Eu sempre ando só! Tinha que ver, de cada vez que fosse à escola, arranjar companhia...
- Dona Inácia, avó de Conceição continua:
- Agora é assim... eu também estranhei...
- Conceição continuava a rir: mas eu, é porque sou professora, que vou para o meu trabalho. (QUEIROZ, 1969, p.80)

O diálogo entre as/os personagens nos permite apontar as mudanças de valores e hábitos. A fala de Dona Inácia e Vicente representa o que estava instituído, a resposta de Conceição nos permite perceber a construção de novas práticas. Nota-se, também, que o magistério funciona como um dos impulsionadores dessa transformação: se antes, as mulheres das classes mais abastadas tinham como destino essencial o âmbito da vida privada, o lar, a entrada no mercado de trabalho, através da sala de aula, as permite construir novos referenciais, ainda que limitados.

---

<sup>2</sup> Conferir, em especial, Burke, (2005)

As mudanças citadas são mais facilmente percebidas nos centros urbanos, as transformações se configuram, também, por uma maior diversificação da paisagem desses espaços, evidenciada pela presença de novos sujeitos, como negros, imigrantes europeus e pessoas oriundas do campo no cenário das grandes cidades. A visibilidade dessas áreas é retrata no romance de Rachel. No trecho de uma conversa de Conceição com os retirantes que fugiam da seca que atingiu o Ceará, a personagem diz: Por que vocês não vão para São Paulo? Diz que lá é muito bom... Trabalho por toda a parte, clima sadio... Podem até enriquecer... (QUEIROZ, 1969, p. 105).

Em meio a essas transformações, percebe-se, como aponta Maria Maluf e Maria Lucia Mott, reivindicações, por parte das mulheres, de novas representações sociais:

Não faltaram vozes nesse começo de século para entoar publicamente um brado feminino de inconformismo, tocado pela imagem depreciativa com que as mulheres eram vistas e se viam e, sobretudo, angustiado com a representação social que lhe restringia tanto as atividades econômicas quanto as políticas (MALUF e MOTT, 1998, p. 369)

As vozes sobre as quais as autoras citam seguiam na contramão de um discurso ideológico e hegemônico, que objetivava legitimar o papel social da mulher. Baseados em uma falsa crença na natureza feminina, conservadores e matrizes reformistas, usando de mecanismos, que Pierre Bourdieu (2003) definiu como des-historização, visavam a eternização das estruturas de divisão sexual, dos princípios da divisão correspondente e a naturalização dos comportamentos históricos e socialmente construídos. Dessa forma, tira-se da ação histórica a relação entre a divisão do papel de cada gênero.

As tentativas de naturalizar os papéis de gênero socialmente construídos encontram-se presentes em O Quinze. Ao ser repreendida pela avó por estar lendo um livro, Conceição responde:

Mãe Nácia, quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe... Senão a vida fica vazia demais...

A avó insiste:

E para que você torceu sua natureza? Por que não se casa? (QUEIROZ, 1969, p.118)

A partir desta perspectiva, a existência feminina estaria baseada em um tripé mãe – esposa – dona de casa, limitada ao âmbito da vida privada, aos limites do lar. Cabia a mulher a responsabilidade pela felicidade familiar, o lar era considerado um pequeno Estado:

(...) se o lar tem por administrador uma mulher, mulher dedicada e com amor à ordem, isso então é a saúde para todos, é a união dos corações, a felicidade perfeita no pequeno Estado, cujo ministro da Fazenda é o pai, cabendo a companheira de sua vida a pasta política, os negócios do interior. (MALUF e MOTT, 1998, p. 374)

A descrição deste espaço aponta as funções de cada um na instituição matrimonial, cabendo ao homem a responsabilidade pelo sustento familiar, restando à mulher o papel da doméstica.

Em meio a essa configuração social, onde a atribuição de cada gênero assume papéis complementares, mas extremamente desiguais, o lançamento de uma obra com uma expressividade literária, produzida por uma mulher, causou muita desconfiança em relação a sua autoria. Autores renomados, como Graciliano Ramos, eram incrédulos em relação à autoria de *O Quinze*, afirmando ser um pseudônimo a assinatura de Rachel de Queiroz:

O quinze caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: - Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Deve ser pseudônimo de sujeito barbado (Orelha da 87ª Ed. De *O quinze*, 2010).

Novamente, elementos da realidade vivida por Rachel Queiroz estão presentes em seu romance. A estranheza e a desconfiança gerada pelo sucesso de sua obra evidencia o desprestígio da obra literária feminina, considerada, muitas vezes, fútil e falsa. Não surpreende que a intimidade de Conceição com o mundo de leitura gerasse incômodo. Apesar dessa herança intelectual deixada por seu avô, existem algumas situações de conflitos entre Conceição e sua avó, D. Inácia, que acredita ser um desperdício de tempo Conceição se dedicar tanto a práticas de leituras:

Dona Inácia tomou o volume das mãos da neta e olhou o título:

- E esses livros prestam pra moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava...

(...)

- E minha filha, para que uma moça precisa saber disso? Você querará ser doutora, para escrever livros? (QUEIROZ, 1969, p.118)

Dessa forma, apesar de Conceição conseguir manter um status social por ser normalista, ela era constantemente repreendida por causa da leitura, e era quase convencida a acreditar que deveria saber somente o necessário para a prática da sua profissão. A visão da avó da protagonista do romance de Rachel de Queiroz se baseia na seguinte afirmação:

Corroboravam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais educadoras”, portanto nada mais adequado do que lhe confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, “a extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual”. (LOURO, 2008, p. 450)

O fato de Conceição exercer a profissão docente a permite criar novos laços de sociabilidade, como andar sozinha na rua, e, até certo ponto, questionar a necessidade de uma união matrimonial. No entanto, apesar da pequena ampliação leque de escolhas possíveis de viver, a ação professoral estava próxima daquilo que se considerava extensão das atribuições da mulher.

Nesse sentido, a conquista e entrada da mulher na escola eram legitimadas, através de um discurso de aproximação entre o espaço escolar e o âmbito da vida privada, do lar. O magistério passa a ser associado às características consideradas parte da “natureza feminina”: paciência, minuciosidade, afetividade e doação . Como aponta Guacira Louro:

A escola parecia desenvolver um movimento ambíguo: de um lado, promovia uma espécie de ruptura com o ensino desenvolvido no lar, pois de algum modo se colocava como mais capaz ou com maior legitimidade para ministrar os conhecimentos exigidos para a mulher moderna; de outro, promovia, através de vários meios, sua ligação com a casa, na medida em que cercava a formação docente de referências à maternidade e ao afeto. (2008, p. 458)

Apesar da tentativa de criar uma ligação entre a atividade docente e as funções do lar, não há como negar que, a mulher enquanto professora possuía um nível de instrução mais elevado. Ademais, ela ganha seu próprio sustento, em consequência disso, dispunha de algumas prerrogativas masculinas, mesmo que cerceadas por uma sociedade patriarcal. Talvez isso tenha colaborado para o fortalecimento de um discurso que apontava uma incompatibilidade entre trabalho e casamento, este embate entre a ação profissional e a instituição matrimonial também se encontra presente no romance *O Quinze: Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As duas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona* (QUEIROZ, 1969, p. 31).

Dessa maneira, é possível notar na construção da personagem protagonista feita por Rachel de Queiroz, marcas das mudanças pelas quais estavam passando a representação feminina. Conceição se apresenta como leitora e encontra-se no âmbito do mercado de trabalho, exercendo a prática docente. Em contrapartida, percebem-se, também, elementos que vão à contramão desta concepção, baseados na perspectiva da natureza feminina. Conceição, em um dado momento da história, começa a criar seu afilhado, Duquinha, deixado com ela quando tinha pouco mais de dois anos de idade. E ela ratifica cada vez mais que a sua maternidade, doada, é um dom divino.

Nota-se, portanto, no cenário do romance, a presença de elementos trazidos pela luta das reivindicações femininas e pela modernização com visões baseadas na concepção da mulher enquanto dona de casa, esposa e mãe. Evidencia-se o fluxo de transformações puxado por este movimento de mudanças, revisões de valores e construções de novas representações, que caracterizou o recorte temporal deste trabalho.

Dando continuidade a análise do romance, outro aspecto interessante no desenrolar da história é o romance existente entre Conceição e Vicente, primo de Conceição e trabalhador dedicado nas terras do sertão nordestino. Apesar de ser uma grande personalidade na área onde trabalhava, não tinha pouco mais de escolaridade além dos rudimentos da leitura e escrita.

A sua relação com a leitura era tão estreita que, para Conceição, à medida que o romance entre os dois se intensifica, Vicente se encontra em um distanciamento cultural cada vez maior:

Pensou no esquisito casal que seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e quisesse repartir com alguém impressão recebida. Talvez Vicente levantasse a vista e lhe murmurasse um “é” distraído por detrás do jornal... Mas naturalmente a que distância e com quanta indiferença... Pensou que, mesmo o encanto poderoso que a sadia fortaleza dele exercia nela, não preencheria a tremenda largura que os separava (QUEIROZ, 2006, p. 86).

A história finaliza com Conceição se dedicando a criação do afilhado e rejeitando o amor de Vicente, mas ainda lamentando a impossibilidade de ter um filho gerado por ela. De acordo com Heller:

Conceição, quando renuncia ao projeto de casar-se com o “homem de sua vida” por considerá-lo menos intelectualizado que ela mesma, comporta-se como leitora romântica. Ou seja: o celibato lhe parece uma idéia mais suportável do que a convivência com um parceiro cujos defeitos, quando se sente traída, parecem assumir proporções cada vez maiores (2006, p.67).

Dessa forma, verifica-se a impossibilidade de conciliação entre a instituição matrimonial e a inserção de Conceição no mundo letrado e na atividade do magistério. Nota-se, também, que apesar de sentir-se feliz com o modelo de vida, a protagonista vive um conflito, pois deseja aquilo que a sociedade espera ser o desejo de todas as mulheres, a constituição de uma família.

As últimas páginas do romance apresentam uma síntese das representações femininas à época, alcançadas por mulheres como Conceição. No entanto, os paradigmas estabelecidos não são facilmente rompidos, e Conceição, ao ver Duquinha, conclui: afinal, também posso dizer que um filho... (QUEIROZ, 1969, p. 137).

Referências:

BURKE, Peter. O que é história cultural? Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HELLER, Bárbara. Da pena à prensa. Mulheres e leitura no Brasil (1890-1920). São Paulo: Porto de Idéias, 2006.



LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary e BASSANEZI, Carla. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004, p. 443-481.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.) História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

QUEIROZ, Rachel de. O Quinze. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.